

Evolução Econômica do Setor de Esmaltes, Fritas e Corantes Cerâmicos Espanhol na Última Década do Milênio

Luis Martínez Isach

Departamento de Finanzas y Contabilidad, Despacho 1133

Facultad de Ciencias Jurídicas y Económicas

Universidad Jaume I, Campus Riu Sec., Castellón - Espanha

e-mail: misach@cofin.uji.es

Resumo: O setor de esmaltes, fritas e corantes cerâmicos espanhol, localizado majoritariamente na província de Castellón, revela na análise econômica, através dos balanços anuais depositados no Registro Mercantil, o avanço extraordinário da última década. Além de aumentar continuamente as exportações (atualmente mais de 50% da produção é exportada), estabeleceu unidades industriais em outros países, dentre os quais se encontra o Brasil. No período estudado notam-se as modificações sofridas pelo setor que evidenciam seu amadurecimento.

Palavras-chaves: *Análise Econômica, Análise Setorial, Análise Patrimonial, esmaltes e fritas*

I. Introdução

O setor espanhol de Fabricantes de Fritas, Esmaltes e Corantes Cerâmicos (SEFEC) encontra-se situado principalmente na Comunidade Valenciana e, mais especificamente, na Província de Castellón. Das 26 empresas associadas à ANFFECC (Associação Nacional de Fabricantes de Fritas, Esmaltes e Corantes Cerâmicos), somente 2 delas situam-se fora da Comunidade.

A causa principal desta localização geográfica tão concentrada não está alheia ao seu estreito vínculo com o Setor de Azulejos, Pavimentos e Revestimentos Cerâmicos, uma vez que essas empresas fornecem uma das matérias-primas principais para a fabricação de pavimentos e revestimentos. Das 255 empresas recenseadas pela ASCER no ano 2000, 197 estão radicadas em Castellón e 14 em Valência. A Província de Castellón concentra 93,1% da produção, uma vez que as maiores empresas estão situadas lá.

Acreditamos que a proximidade de clientes potenciais interferiu claramente na determinação das instalações das fábricas. A distribuição de empresas por localidade está na Tabela 1.

Podem ser identificadas duas características principais na evolução do SEFEC na última década. Em primeiro lugar, um crescimento muito importante do tamanho das operações, as quais, em termos reais, praticamente

triplicaram e, em segundo lugar, a incipiente internacionalização das empresas, cujas exportações se multiplicaram por cinco.

II. Empresas Consideradas

Para obter os dados reunidos, dos quais são extraídas as informações deste artigo, foram utilizadas as Contas Anuais depositadas no Registro Mercantil, sendo excluídas aquelas sociedades que, devido ao seu tamanho, apresentam contas abreviadas. Em geral, as informações destas sociedades não foram auditadas, o que nos impede de saber se os critérios de elaboração das mesmas são homogêneos. Na Tabela 2 estão as empresas que foram incluídas.

III. Indicadores de Atividade

Na Tabela 3 é apresentada a evolução dos indicadores de atividade deste período, tanto em Euros correntes como em Euros de 2000. A Produção é definida como: Vendas + Variações de inventário de Produtos Prontos e em Curso + Outras Receitas. Para consumos intermediários, foram incluídos os Aprovisionamentos Líquidos e os Outros Gastos Externos.

A variação ocorrida na produção neste período foi de 205% em Euros constantes e 266% em Euros correntes, o que demonstra claramente o crescimento vertiginoso do SEFEC na década. O Valor Adicionado sofreu um crescimento de 140% em Euros constantes e 187% em Euros correntes. O desenvolvimento mais do que proporcional dos consumos intermediários, em relação à Cifra de Negócios, limitou o crescimento do Valor Adicionado, em especial a partir do ano de 1995.

O crescimento da atividade tem sido positivamente influenciado pelo progresso das exportações que a forte expansão do mercado exterior propiciou de forma determinante. De 66,11 milhões de Euros no ano de 1991, alcançou-se a cifra de 376,50 milhões de Euros em 2000, o que equivale a um crescimento de 470%. O Mercado Nacional, muito mais maduro já em 1991, somente aumentou 151%.

Tabela 1.

| Localidade | Número de Empresas |
|--------------------------------|--------------------|
| Alcora | 4 |
| Almazora | 1 |
| Ribesalbes | 1 |
| Castellón | 1 |
| Nules | 2 |
| Onda | 3 |
| Puebla de Tornesa | 1 |
| San Juan de Moro | 1 |
| Villafamés | 1 |
| Villarreal | 3 |
| Total - Província de Castellón | 18 |
| Manises | 3 |
| Quart de Poblet | 1 |
| Total - Província de Valência | 4 |
| Total - Comunidade Valenciana | 22 |
| Tortosa | 1 |
| Vitoria | 1 |
| Total - Outras Províncias | 2 |
| Total de Empresas | 24 |

Fonte: ANFFECC, elaboração própria.

Tabela 2.

| Denominação social | Denominação social |
|-----------------------------------|-------------------------------|
| Al Farben S.A. | Esmaltes S.A. |
| Cerdec Ibérica S.A. | Ferro Enamel Española S.A. |
| Cerfrit S.A. | Fritta S.L. |
| Colores Cerâmicos de Tortosa S.A. | Itaca S.A. |
| Colores Cerâmicos S.A. | Johnson Matthey Ceramics S.A. |
| Colorífico Cerâmico Bonet S.A. | Quimicer S.A. |
| Colorobbia España S.A. | Torreid S.A. |
| Esmaldur | Vernís S.A. |
| Esmalglass S.A. | Vidres S.A. |

A Fig. 1 evidencia essa evolução.

Não há dados relacionados à produção deste tipo de indústrias em nível mundial. No entanto, para fazer uma aproximação de sua importância relativa, se for levado em conta que a importação espanhola de fritas, esmaltes e corantes é pouco relevante, podemos aceitar que a produção de pavimentos e revestimentos cerâmicos na Espanha incorpora as matérias-primas corantes, fritas e esmalte quase que exclusivamente de produção nacional. Por sua vez, é sabido que a fabricação de pavimentos e revestimentos espanhóis, considerando o ano de 2000, atingiu a cifra de 621 milhões de m², que comparada com a produção mundial de 4123 milhões de m², representa 15,1%.

Como enunciado anteriormente, a exportação do SEFEC representa 51,8% do total de vendas. Tendo em conta que as aplicações realizadas na Espanha são mais intensivas no uso desses produtos, a cota coberta da fabricação mundial por meio da exportação poderia ser estimada em 16% e inclusive alcançar os 25%. Poderíamos dizer que o SEFEC atende à demanda mundial com uma cota segura de 31% e provavelmente pode alcançar os 40%.

Outro ponto importante que deve ser levado em conta, ainda que difícil de ser quantificado com os dados disponíveis, é que as empresas do SEFEC, como veremos mais adiante, têm importantes investimentos financeiros no exterior, muitos deles aplicados nas operações de estabelecimentos industriais afins, em países produtores de pavimen-

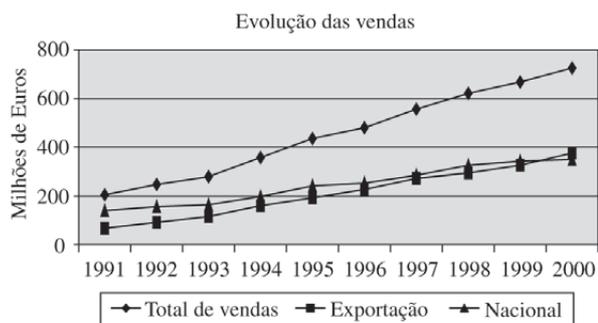


Figura 1.

Tabela 3.

| Milhões de Euros de 2000 | 1991 | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|-----------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Produção | 264,04 | 332,06 | 364,22 | 449,77 | 517,81 | 541,03 | 634,97 | 682,90 | 719,16 | 805,13 |
| Consumos Intermediários | 163,82 | 207,61 | 223,89 | 289,08 | 356,35 | 372,30 | 435,96 | 463,43 | 480,62 | 564,37 |
| Valor Adicionado | 100,22 | 124,45 | 140,33 | 160,69 | 161,46 | 168,73 | 199,02 | 219,47 | 238,54 | 240,76 |
| % Valor Adicionado/Produção | 38,0% | 37,5% | 38,5% | 35,7% | 31,2% | 31,2% | 31,3% | 32,2% | 33,1% | 30,1% |

| Ano 1991 = 100 | 1991 | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|-------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Produção | 100 | 126 | 138 | 170 | 196 | 205 | 240 | 259 | 272 | 305 |
| Consumos intermediários | 100 | 127 | 137 | 176 | 218 | 227 | 266 | 283 | 293 | 345 |
| Valor Adicionado | 100 | 124 | 140 | 160 | 161 | 168 | 199 | 219 | 238 | 240 |

| Milhões de Euros correntes | 1991 | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|----------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Produção | 220,13 | 275,39 | 311,29 | 394,38 | 480,96 | 520,52 | 618,98 | 669,08 | 708,40 | 805,13 |
| Consumos intermediários | 136,45 | 172,18 | 191,35 | 253,48 | 330,99 | 358,19 | 424,98 | 454,05 | 473,43 | 564,37 |
| Valor Adicionado | 83,75 | 103,21 | 119,94 | 140,90 | 149,97 | 162,33 | 194,01 | 215,03 | 234,97 | 240,76 |

| Ano 1991 = 100 | 1991 | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 |
|-------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Produção | 100 | 125 | 141 | 179 | 218 | 236 | 281 | 304 | 322 | 366 |
| Consumos intermediários | 100 | 126 | 140 | 186 | 243 | 263 | 311 | 333 | 347 | 414 |
| Valor Adicionado | 100 | 123 | 143 | 168 | 179 | 194 | 232 | 257 | 281 | 287 |

Fonte: Elaboração própria com base em informações depositadas no Registro Mercantil.

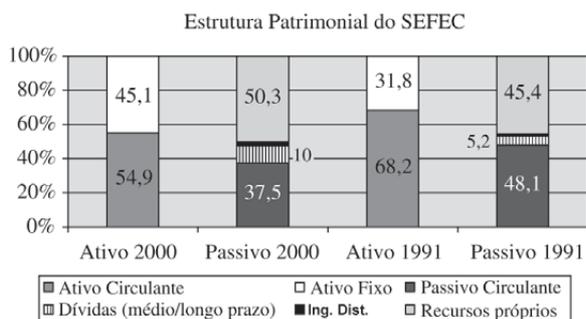


Figura 2.

tos e revestimentos cerâmicos. Não há, no entanto, dados consolidados a respeito que quantifiquem o montante do volume de negócios realizados pelas mesmas.

É necessário identificar que nem todas as empresas espanholas são de capital nacional, uma parte delas está representada pelo capital externo ou são filiais de empresas não espanholas.

IV. Da Estrutura Patrimonial

No período considerado, os ativos dessas empresas, que representavam inicialmente 203,3 milhões de Euros, chegaram a alcançar a cifra de 829,9 milhões de Euros. Sua

estrutura patrimonial está dividida em 54,9% para o Ativo Circulante e 45,1% para o Ativo Fixo. Em 1991, o Ativo Circulante representava 68,2%.

O Passivo teve transformações significativas, motivadas principalmente pela presença mais intensa de Dívidas de Médio e Longo Prazos, cuja proporção duplicou nestes anos. Também cresceu a importância relativa dos recursos próprios, fruto da aplicação de reservas de uma boa parte dos -lucros gerados pelas sociedades. Como consequência disso, o Passivo Fixo, que representava 51,9%, chegou a converter-se em 62,5% no ano 2000, com um consequente efeito favorável no capital de giro, (Fig 2.).

Observação: esta última frase não faz muito sentido. Primeiramente os números não batem com o Fig. 2. Além disso, não há nada que em português se costume chamar de passivo fixo.

Apesar do forte crescimento destas empresas e dos importantes investimentos que foram necessários fazer para poder satisfazer a demanda e seguir ocupando posições competitivas, seu equilíbrio patrimonial melhorou. O rendimento das operações em termos de resultado, como veremos mais adiante, juntamente com a ação decisiva das empresas que fortaleceram seus recursos próprios mediante a capitalização de boa parte dos lucros, propiciou essa mudança qualitativa.

IV.I. Do Ativo e Passivo Circulante.

O Ativo Circulante é formado principalmente por estoques e contas a receber.

De 138,5 milhões de Euros, no início do período, chegou-se a 510,3 milhões de Euros, o que representa um aumento de mais de 260%, quase paralelo ao crescimento do faturamento, que passou de 239,1 milhões de Euros a 857,3 milhões de Euros.

O Passivo Circulante, que em 1991 tinha um montante de 97,8 milhões de Euros, alcançou a cifra de 348,3 milhões de Euros, o que equivale a mais de 255%, perdendo peso em relação às Dívidas com as Entidades de Crédito e ganhando mais importância dos Credores Comerciais.

As necessidades operacionais de recursos (N.O.R.), definidas como a diferença entre o Ativo Circulante e o Passivo Circulante sem custo, alcançaram, em 2000, 318 milhões de Euros, sendo no início do período 75,5 milhões de Euros. A boa resposta na geração de capital de giro decorreu de que os passivos de curto prazo onerosos tenham diminuído quase 5 pontos no financiamento das N.O.R., com efeito correspondente de melhoria na potencialização dos resultados. Para mais detalhes, ver Fig. 3.

IV.II. Do Ativo Fixo Líquido

O forte crescimento nesses anos tem mostrado como é lógica a necessidade de realizar fortes investimentos nos ativos fixos, ainda que a característica mais relevante nesta contribuição seja o crescimento das Mudanças Financeiras (?). De uma posição de 6,6 milhões de Euros, com aumento em praticamente todos os anos, alcançou-se a cifra de 150,6 milhões de Euros em 2000.

A necessidade de expansão das empresas, junto com o crescimento do setor de fabricantes de Pavimentos e Revestimentos Cerâmicos no mundo, tem propiciado estratégias nas empresas, não somente na intensa presença exportadora, como também na instalação de fábricas e estruturas comerciais em outros países. Isso supõe, para um futuro muito próximo, a necessidade de abordar a análise por meio das Contas Consolidadas das Sociedades para poder limitar seu rendimento global (?), uma vez que os

Ativo Circulante (A.C.), Passivo Circulante sem custo (P.C.) e N.O.F.

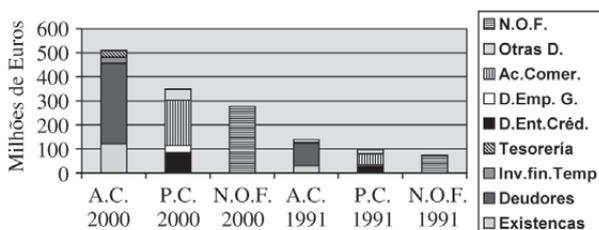


Figura 3.

investimentos realizados foram constatados, mas não seus resultados.

Os Imobilizados Materiais Líquidos multiplicaram-se por 4,5, até alcançar a cifra de 268,9 milhões de Euros. Independentemente das necessidades para cobrir os aumentos do volume das operações, é necessário centrar-se também e com maior incidência na progressiva e incipiente mecanização. É sabido que estamos falando de um setor que nos últimos anos tem vivido uma forte evolução na melhoria dos produtos que fabrica, com a implantação e disponibilização para seus clientes de matérias-primas cada vez mais sofisticadas capazes de satisfazer as necessidades de singularidade que são demandadas nos produtos cerâmicos, os quais se encontram numa competição muito intensa.

Em relação ao parágrafo anterior, é necessário ressaltar que as empresas do SEFEC realizaram um trabalho importantíssimo em relação à Pesquisa e Desenvolvimento de novas aplicações a fim de colocar à disposição de seus clientes os materiais que fabricam. Cada vez mais, seu crescimento no mercado tem sido marcado pela oferta de produtos elaborados com técnicas singulares, sendo em muitos casos o impulso da inovação cerâmica. Esta posição competitiva tão agressiva não está alheia aos rendimentos obtidos com as operações ao longo da década.

IV.III. Dos Recursos

Os Recursos Próprios, partindo da posição de 92,8 milhões de Euros em 1991, em 2000 são de 467,5 milhões de Euros. Ainda que o Capital Social tenha mais do que duplicado, de 12,9 milhões para 33,7 milhões de Euros, o desenvolvimento mais significativo foi produzido nas reservas, que no período foram dotadas com aportes de 307,5 milhões de Euros. Esta posição corrobora o que foi exposto anteriormente: foi a determinação dessas empresas, que financiaram a expansão com a capitalização de boa parte de seus resultados, que claramente potencializou este desenvolvimento.

Outra característica da mudança na estrutura patrimonial, como já assinalado anteriormente, é a partici-

Evolução do ativo fixo

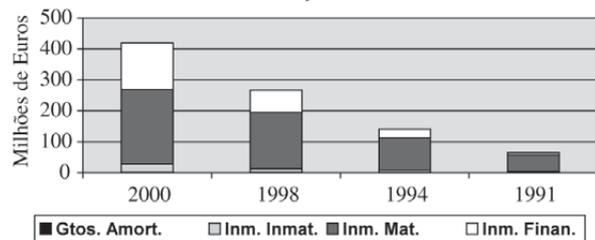


Figura 4.

pação que adquiriram as Dívidas de Médio e Longo Prazos, que alcançaram a cifra de 93,2 milhões de Euros, e que em 1991 eram de 10,6 milhões de Euros. Uma ação que certamente beneficiou o capital de giro.

Também foram produzidas mudanças nos rendimentos a distribuir em vários exercícios. Ainda que esses últimos tenham sido consequência dos fortes investimentos realizados, são gerados por subvenções de capital obtidas. A cifra do ano 2000 alcança 20,9 milhões de Euros e em 1991 era de somente 2,6 milhões de Euros.

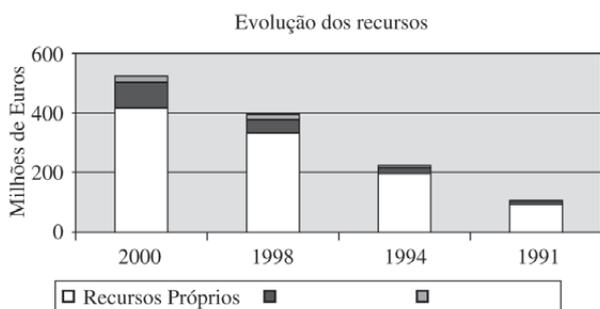


Figura 5.

Para avaliar a evolução, pode-se observar a Fig. 5.

V. Da Conta de Lucros e Perdas

A estrutura percentual da Conta de Lucros e Perdas está na Tabela 4.

Como pode ser observado, o Valor Adicionado vem retrocedendo desde o começo do período analisado, principalmente pelo aumento dos gastos com suprimentos, já que o crescimento dos outros gastos externos é menor.

O Resultado Operacional também retrocedeu, apesar da melhoria na participação da Mão de Obra, já que o maior investimento em Imobilizados Materiais propiciou maiores amortizações. O Resultado Ordinário permanece encravado dentro da tendência e melhorou pela diminuição dos Gastos Financeiros e o crescimento das receitas financeiras, junto com o saldo favorável das diferenças de câmbio. O resultado do exercício perde um ponto entre 1991 e 1994, e 1,1 entre 1994 e 1998, e deste ano até 2000 mantém-se estável.

Na Fig. 6 está incluída a série completa para o Valor Adicionado e para o Resultado Operacional.

Também é conveniente saber como é distribuído o Valor Adicionado Gerado, assinalando a parte que corresponde ao pessoal, ao autofinanciamento (amortizações, remissões e provisões), aos credores, ao Estado (imposto

Tabela 4.

| | 2000 | 1998 | 1994 | 1991 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Vendas líquidas | 100 | 100 | 100 | 100 |
| Varição de estoques | 1,7 | -0,2 | 0,8 | 0,7 |
| Outras receitas de operação | 1,1 | 1,2 | 0,7 | 0,7 |
| Receita Total | 102,8 | 101,0 | 101,5 | 101,4 |
| Suprimentos | 58,3 | 56,9 | 53,5 | 51,9 |
| Outros gastos externos | 15,5 | 13,5 | 13,7 | 13,0 |
| VALOR ADICIONADO | 29,0 | 30,5 | 34,4 | 36,4 |
| Gastos com pessoal | 12,8 | 12,7 | 13,7 | 14,4 |
| Amortização | 3,7 | 3,4 | 3,3 | 2,6 |
| Provisões de tráfego e Estoques | 0,7 | 1,4 | 1,0 | 1,1 |
| RESULTADOS OPERACIONAIS | 11,8 | 13,1 | 16,4 | 18,4 |
| Receita financeira | 1,0 | 0,5 | 0,9 | 0,8 |
| Diferenças positivas de câmbio | 0,5 | 0,3 | 0,3 | 0,2 |
| Gastos financeiros | 1,2 | 1,2 | 1,9 | 2,7 |
| Varição (provisão investimentos financeiros) | 0,1 | | | |
| Diferenças negativas de câmbio | 0,4 | 0,4 | 0,5 | 0,3 |
| RESULTADO ORDINÁRIO | 11,6 | 12,4 | 15,2 | 16,4 |
| Resultados extraordinários | 1,1 | 0,3 | -0,6 | -0,1 |
| RESULTADO ANTES DOS IMPOSTOS | 12,7 | 12,7 | 14,6 | 16,3 |
| Impostos sobre os lucros | 4,1 | 3,7 | 4,6 | 5,3 |
| RESULTADOS DO EXERCÍCIO | 8,5 | 8,9 | 10,0 | 11,0 |
| Cash-flow | 12,2 | 12,2 | 13,3 | 13,5 |

de sociedades) e ao Capital (benefício líquido). Para isso, podemos consultar a Fig. 7.

VI. Índices de Circulante

Tem especial relevância, nos últimos anos, a gestão dos Circulantes, na medida em que a magnitude dos mesmos depende em boa parte da rentabilidade econômica das empresas (B.A.I.I. / Investimento líquido).

Os investimentos em Circulantes têm variado mais que proporcionalmente ao aumento das vendas. Para sua análise, consideraremos as relações entre, de um lado, o valor dos estoques e das contas a receber de devedores e, de outro, o valor das vendas, reconhecidos para todo o período na Fig. 8.



Figura 6.

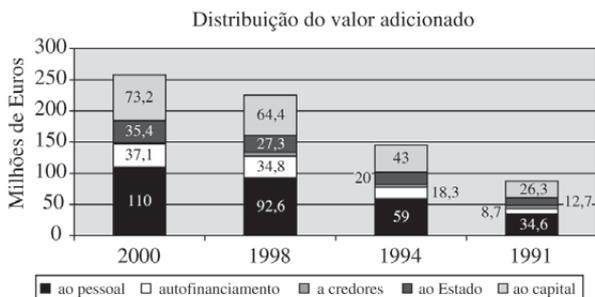


Figura 7.

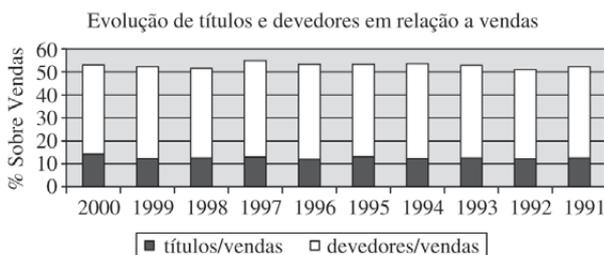


Figura 8.

O montante de estoques + devedores Títulos + Devedores relativamente às vendas supera 50% durante todo o período, correspondendo no ano 2000 à posição mais alta, com 54,2%. Os Devedores alcançaram a posição mais elevada em 1997, foram diminuindo desde esse ano, para finalmente ficarem situados em último lugar, com 38,8%.

VII. Da aplicação e origem de fundos

Com os movimentos agregados de todo o período e das empresas consideradas neste estudo, podemos identificar de modo resumido os seguintes pontos, considerando o problema entre não termos maiores detalhes sobre as Contas Anuais, já que são conhecidos apenas os fluxos líquidos:

- Os resultados ordinários de 1992 a 2000 são 930,9 milhões de Euros.
- Os resultados extraordinários negativos do período em questão equivalem a 1,6 milhões de Euros
- Foram feitas amortizações/remissões no montante de 254,8 milhões de Euros.
- Constatou-se impostos sobre os lucros de 275,7 milhões de Euro, o que representa 29,7% do resultado antes dos impostos.
- O Cash-Flow líquido gerado é de 908,3 milhões de Euros, com os quais foram realizadas as seguintes aplicações líquidas:
 - em investimentos em Imobilizados Materiais e Imateriais (tangíveis e intangíveis), um montante de 530,1 milhões de Euros;
 - em investimentos em Imobilizado Financeiro, 164,8 milhões de Euros;
 - Estas aplicações chegam a 73,2 % de Cash-Flow líquido obtido.
- O superávit para atender aos movimentos de Circulante foi de 243,5 milhões de Euros.
- No Circulante são produzidos os seguintes movimentos:

Origens

- * De empresas do Grupo e associadas: 26,6 milhões de Euros
- * De credores comerciais: 175,4 milhões de Euros
- * De outras dívidas não comerciais: 20,7 milhões de Euros

Aplicações

- * em estoques Títulos: 110,1 milhões de Euros
- * em créditos a Devedores: 310,2 milhões de Euros
- * em Investimentos Financeiros Temporários: 20,3 milhões de Euros
- * em ajustes por periodização: 2,5 milhões de Euros
- Obtém-se um superávit antes de ser considerado o desenvolvimento dos recursos de 23,1 milhões de Euros. Isto é, durante estes anos, o investimento líquido em contas de Circulantes foi de 220,4 milhões de Euros.